

5
DISCURSO
CONGRATULATORIO

PELA FELICISSIMA CONVALESCENSA,
e Real vida de ElRey

D. JOZÉ I.

NOSSO SENHOR;

CONAGRADO COM HUM DIA

*festivo de Acção de Graças a DEOS no
Mosteiro de São Bento da Saude des-
ta Cidade aos 19 de Janeiro
de 1759.*



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Eminentissimo Senhor Card. Patriarc.

Anno M. D. CC. LIX.

Com permissão dos Superiores.

DISCUTIO

CONGRATULATORIA

REACTIO

D. JOSEPH

NOSSO SENIOR

CONGRATULATORIA

REACTIO

CONGRATULATORIA

REACTIO

CONGRATULATORIA

REACTIO

CONGRATULATORIA

REACTIO

CONGRATULATORIA

REACTIO

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

*Censura do M. R. P. M. Fr. Timotheo da
Conceição, Qualificador do Santo Offi-
cio, Consultor da Bulla da Santa Cru-
zada, Examinador das tres Ordens
Militares, Mestre na Sagrada Theo-
logia, e actual Custodio da Provin-
cia de Santo Antonio dos Reformados de
Portugal.*

SERENISSIMO SENHOR.

O Papel, que o Provedor, e Moe-
deiros da Casa da Moeda que-
rem fazer imprimir, e V. Alteza
me manda vêr, he optimo em tudo, não
fô pela materia, e objecto, a que se di-
rige, mas ainda pela fórma, e composi-
ção discreta, que o organiza. Quanto á
fórma bem se deixa ver, que he no

nosso idioma o mais puro, o mais natural, e o mais eloquente: quanto á materia he huma viva expressão dos grandes affectos, que estes coraçoens mais pios, e mais fiéis tem ao seu Inclito, Piíffimo, Fidelissimo, e Regio Monarca. Já estes sinceros Vassallos tinhaõ mostrado naquelle Regia acção, em que deraõ graças ao Altissimo pelo restabelecimento da sua estimavel faude, o muito que o amavaõ porque na estimação de todos excederaõ ás mais que se tinhaõ feito, na profusão, no áceo, na grandeza, e em tudo: mas naõ satisfeitos os seus coraçoens magnanimos desta obra taõ heroica, que a fama pública, querem ainda, que a exuberancia dos seus affectos faia ás linguas neste primorozo papel para se verificar que *Ex abundantia cordis os loquitur*. Em fim, Serenissimo Senhor, o que eu posso affirmar he, que o amor destes Heroes (segundo se conhece pelos effectos) he o Ouro de maiores quilates, he Prata sem liga, e he moeda, que nada tem de falsa, e por isso julgo, que póde correr neste papel com todo o seu valor intrinseco, naõ só no Reino de Portugal,

gal, onde terá a estimação que se lhe deve, senão também em todos os Reinos do mundo, onde corre a nossa moeda; pois não tem cousa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes. Este o meu parecer: V. Alteza mandará o que for servido. Lisboa, em o Convento de Santo Antonio aos 13 de Fevereiro de 1759.

Fr. Timotheo da Conceição.

Vista a informação, pode-se imprimir o papel, que se apresenta; e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, no Paço de Palhavãa, 23 de Fevereiro de 1759.

Silva. Trigozo. Silveiro Lobo.

Francisco Xavier dos Santos da Fonseca.

DO ORDINARIO.

Censura do Doutor Francisco Xavier dos Santos da Fonseca.

EXCELL. , E REVER. SENHOR.

Como este Discurso congratatorio respeita a demonstraço da fidelidade de hum Collegio respeitavel naõ só pelo seo ministerio, mas pelas pessoas de que se compoem a sua Cõmunidade, nenhum inconveniente pôde haver em se fazer publico por beneficio da impressaõ, especialmente quando se acha escripto com a força de pensamentos, e viveza de expressoens, que déraõ a conhecer por eloquentes Alcibíades, e Thucidídes: V. Excellencia poderá mandar o que for servido. Lisboa, 21. de Fevereiro de 1759.

Francisco Xavier dos Santos da Fonseca.

Vista a informaçõ , pode-se imprimir o papel, que se apresenta; e depois de impresso voltará conferido para se dar licença, sem a qual não correrá. Lisboa, 21 de Fevereiro de 1759.

S E N H O R

Costa.

Vista por ordem de V. Magestade o Discurso Gratulatorio, que em cumprimento da sua obediencia fidelidade pretendem imprimir o Provedor, e Mordomos da Casa da Moeda. Nelle não encontrei cousa alguma contra o Real Serviço de V. Magestade; e me parece muito digno de se communicar ao publico pelo beneficio da estampa. Belem, 3 de Março de 1759.

Elizete Joseph da Cunha.

Que

§§ ü

DO

DO PAÇO.

*Censura de Filippe Joseph da Gama,
Academico da Academia Real da
Historia Portugueza, &c.*

S E N H O R.

VI por ordem de V. Magestade o Discurso Gratulatorio, que em testimonho da sua obsequiosa Fidelidade pertendem imprimir o Provedor, e Moe-deiros da Casa da Moeda. Nelle não encontrei couza alguma contra o Real serviço de V. Magestade; e me parece muito digno de se communicar ao publico pelo beneficio da estampa. Belem, 3 de Março de 1759.

Filippe Joseph da Gama.

Que

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario ; e depois de impresso tornar á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa, 3 de Março de 1759.

*Carvalho. Emais. D. Velho. Siqueira.
Castello.*

O Provedor, e Moedeiros da Casa da Moeda chegaram aos pés do Trono Real para exporem o puz e fuz contentamento que têm de verem a Vossa Magestade restabelecida inteiramente. Ella grande felicidade apenas se pôde exprimir com

§§§

SE-

SENHOR.

O Provedor, e Moedeiros da Casa da Moeda chegaram aos pés do Trono Real para exporem o puro e fiel contentamento que tem de verem a Vossa Magestade restabelecido inteiramente. Esta grande felicidade apenas se póde exprimir com

vozes ; porque hum gosto univêrsal infinitamente desejado , e alcançado , não se póde dizer como he , nem como se fente , só se mostra e deixa vêr nas lagrimas : destas se compoem o idioma original em que o coração sempre fala verdade , por ser a primeira linguagem que a natureza ensina aos homens quando nascem.

E com effeito depois de nos vermos em hum laberinto de cuidados pela preciosissima vida de V. Magestade , agora que a temos segura , agora que a temos certa por huma graça muito especial , quaes haõ de ser as frases , ou os termos com que havemos de explicar huma alegria taõ justa , e taõ justamente excessiva ? Hum alvoroço immenso raras vezes tem forças para falar , emmudece , e chora ; porque as lagrimas de prazer ainda saõ mais expressivas , do que aquellas que produz o sentimento.

E se he tempo já de romper o silencio para respirar da passada angustia , seja-nos permittido , Alto Senhor , o pormos neste brevissimo Discurso aos Reaes pés de V. Magestade todas as nossas considera-

derações, e estás como em defafogo do mal de que estamos livres, e do bem que possuímos: seja-nos permittida a impropriedade de suppor que não falamos a hum Soberano, mas a hum Pay, e Pay amigo; sendo que estes são os mesmos attributos, a que V. Magestade attende tanto, e de que sempre formou o mais brilhante esplendor da sua Coroa.

A ingratação, e a suberba, monstros levantados do abyfmo para horror das gentes, suscitaraõ animos sacrilegos, execraveis, infieis, para intentarem o projecto mais barbaro, e detestavel que as idades viraõ: intentáraõ, porém só conseguiraõ a sua propria confusão; porque o Anjo exterminador de iniquidades, e Protector da Lusitania, por meio de hum milagre visivel, evidente, e portentozo cobrio a V. Magestade debaixo das azas de hum Poder supremo; guardou a hum Heroe digno successor de tantos, e em quem reside o Sceptro de hum Imperio, que o mesmo DEOS instituiu. O DEOS de Misericordia defendeo a V. Magestade; e na sua Real Pessoa tambem nos defendeo a nós; e tudo para
mostrar

mostrar que o destino dos Monarcas não está sujeito ao arbitrio dos humanos; elle os sustenta como por huma especie de aliança, ou concordia fraternal; elle os fortifica como imagens suas; e nesta viva representação quer que os Reys de algum modo sejam adorados, porque são Depositarios do seu poder na Terra: por isso muitas vezes, e contra a ordem dos successos o mesmo DEOS os guia, e lhes serve de escudo forte, e imperceptivel.

Ah Senhor, a quantas calamidades, inhumanidades, e violencias ficavamos expostos sem a vida de V. Magestade; subordinados infelizmente a hum tumulto cruel! Ficavamos como filhos sem Pay, sem Patria, e sem Defensor. E que podiamos esperar depois de desconhecida, e perturbada a Religião, e depois de violada e sem vigor a authoridade legislativa? Que perigos não deviamos temer, se para ruina nossa vissemos com persistencia a aleivozia, e permanente a sedição? O pensallo faz estremecer; a idéa, ou figura de tantos infortunios faz entrar em agonia, e a imaginação desfallece quando considera os funestos

18106
acci-

accidentes, a que estavaõ reduzidos os bons, e fieis Vassallos de V. Magestade. E verdadeiramente não pôde numerar-se a multidaõ de males de que a Mãõ Omnipotente nos livrou: a mesma terra parece que tremeo assombrada como em avizo, ou vaticinio de hum estrago que nos estava eminente; estrago fatal, cujo terror e susto a cada instante se renovaõ na lembrança para encher-nos de espanto, e de pavor.

E se pôde reflectirse, ou fazer argumento da fidelidade natural, e entrañavel que a Naçaõ Portugueza tem aos seus Monarcas, observada religiosamente como hum caracter indelebil, fica certo que nenhum daquelles, a quem não contaminou o halito infernal da conjuraçaõ, quereria sobreviver a V. Magestade, pois que em hum Principe justo, e generoso perdiamos todas as nossas delicias, e todas as nossas consolaçoens. Só por desgraça poderíamos viver para ficarmos sós, fazendo hum Povo solitario, cheio de afflicçaõ, e consternaçaõ. Companheiros na sorte seguiríamos ao nosso Rey ao tempo de entrar na Eternidade,

nidade, e adornados com o merecimento, e virtude da lealdade, esta nos faria abrir as portas Celestes, porque ao DEOS dos Exercitos foi agradavel sempre o amor que a natureza inspira aos homens para o seu legitimo Senhor. Lá nesse Assento ethéreo veria V. Magestade hum Côro de Vassallos fieis, Côro glorioso, porque a fidelidade até no Ceo tem premio na qualidade de maior gloria; lá com olhos immortaes veriamos a V. Magestade, leaes ainda depois de extincta a obrigação, e ainda depois de acabada a dependencia de circumstancias humanas.

Esta he, Senhor, a ley, ou regra primitiva que professaõ os verdadeiros Portuguezes, derivada por herança dos seus Antepassados; estes fizeraõ da fidelidade hum Idolo justo, e innocente, excedendo a todas as Naçoens; porque, se estas juraõ submissaõ aos seus Monarcas, nós juramos amor como hum preceito, ou principio constante, de que vem a lealdade, sem a qual não pôde haver amor, porque não ha amor onde não ha fidelidade; são extremos congenitos e inseparaveis,

raveis, inspirados "por" DEOS em nós, a quem o mesmo DEOS escolheu para gente sua, e de V. Magestade, excluindo aquelles que, degenerados da nobre origem Portugueza, ficáraõ para pedras de escandalo em quanto os seculos durarem, como porçoens reprobas, e reprovadas.

Sejaõ pois dadas infinitas graças ao Author de todo o bem pelo infinito beneficio que nos fez de haver-nos conservado a V. Magestade: e nesta segurança já podemos descansar á sombra de victoriosos louros. A vida de V. Magestade foi como a nossa redempçaõ, ella nos salvou; por isso com supplicas, e rogos fervorosos havemos de alcançar da Providencia Divina a duraçaõ de huma vida de que dependem as nossas todas; e se estas unidas pódem compençar aquella de que o mundo necessita, nós as offerecemos em voto para que V. Magestade viva sempre com as nossas vidas, pois que nós vivemos agora com a sua. Renunciamos livremente todos os dias, que nos restaõ, a favor de hum Soberano, a quem só com este genero de fineza podemos

mos

mos reconhecer o affecto paternal que lhe devemos.

Tivemos a ventura, Senhor, de vêr prostrada a Hydra de maldiçaõ, sufocada no seu proprio, e contagioso veneno; vimos que os espiritos rebeldes, e prevaricadores ficáraõ immoveis, e confundidos só com ouvir pronunciar o Nome de V. Magestade: este Augusto Nome foi a voz poderosa que dissipou a tormenta, e reduzio á obediencia os elementos desordenados. Tivemos o gosto, Senhor, de vêr a V. Magestade triumphante, e vencedor da tyrannia; já não temos mais para que viver, porque já não ha mais felicidades a que possamos aspirar. E se a hum caso digno de tanta admiraçaõ se deve erigir hum Monumento publico, este acha-se collocado já nas nossas almas, e nellas sentimos gravada a Inscripçaõ *Pro servato Rege Fidelissimo, Felicissimo, Potentissimo, Munificentissimo, Clementissimo, Piissimo, JOSEPHO Liberatori, Patriæ Patri semper Augusto, dicavit Ulysæa, Lusitania vovit, Amor exculpfit.*

Finalmente nos Fastos de Portugal

gal será memoravel o milagre que nos faz felices ; nós entraremos nelles como partes interessadas ; o amor de filhos que temos a hum Rey , que se préza de ser nosso Pay , servirá de exemplo á posteridade , para que esta o siga como hum padraõ invariavel de ternura. Deixaremos aos nossos descendentes o titulo de *Fieis* , titulo mais honroso , e illustre que todos quantos a grandeza dos Monarcas póde excogitar : e com effeito para honra basta-nos o ser Vassallos e para dignidade basta-nos o ser Fiéis. Nestas verdadeiras expressoens pomos , Senhor , aos Reaes Pés de V. Magestade hum retrato dos nossos coraçõens ; estes occupados em ardentes , e devotissimas preces naõ cessaõ de pedir a DEOS guarde a Real Pessoa de V. Magestade por infinitos annos.

gal seja memoravel o milagre que nos
faz felices; nos entretamos nelles como
partes intercellidas; o amor de filhos que
temos a hum Rey, que se prez de ser
nollo Rey, tenha de exemplo a posse-
ridade, para que ella o siga como hum
padre invariavel de ternura. Deixe-
mos nos nollas delectantes o mundo de
Fris, tanto mais honroso, e illustre
que todos quantos a grandezza dos Mo-
narchas pode excoitar; e com effeito pa-
ra honra passa-nos o ser Vallallos e para
dignidade passa-nos o ser Fris. Nestas
verdadeiras exprellões pomos, Senhor,
aos Rees Pes de V. Magestade hum re-
trato dos nollas coraçoes; estes occu-
pados em ardentes, e devotissimas preces
nao cessão de pedir a DEOS guarde a
Real Pessoa de V. Magestade por in-
finitos annos.

Em Lisboa a 24 de Junho de 1713
João de Castro, Governador
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão
Antonio de Castro, Capitão

Finalmente aos Paes de Portugal